

A Ética em Espinosa e a Educação: uma introdução

Viviane Mayumi Resende Uenaka

Como citar: UENAKA, Viviane Mayumi Resende. A Ética em Espinosa e a Educação: uma introdução. *In*: CARVALHO, Alonso Bezerra de (org.). **Educação, ética e decolonialidade**: contribuições para a formação de professores e a prática docente. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 277-296. DOI:
<https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p277-296>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Capítulo 13

A Ética em Espinosa e a Educação: uma introdução

Viviane Mayumi Resende Uenaka⁵²

Introdução

Por que estudar Espinosa na educação? De que modo um filósofo do século XVII pode contribuir para o desenvolvimento humano e também para a conjuntura educacional atual? São perguntas talvez menos realizadas pelos estudiosos, provavelmente porque não há tantos comentadores que visitem o tema. De fato, não há nas obras de Espinosa uma seção dedicada e sistematizada a tratar especificamente sobre o tema da educação, entretanto, é possível extrair de alguns movimentos textuais lições pedagógicas que contribuem significativamente para a formação e desenvolvimento do humano, o que tentaremos expor ao longo deste trabalho. “E desde que Spinoza não dá um tratamento sistemático ou explícito da educação, nossa tarefa envolve a construção da teoria da educação que está implicada na sua filosofia” (Rabenort, 2018, p. 73).

Uma das genialidades de Espinosa está em elaborar uma antropologia a partir de uma ontologia que se exprime pela

⁵² Mestra em Filosofia pela Unesp - Campus Marília. E-mail: mayumi.resende@unesp.br

<https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p277-296>

afetividade, que por sua vez, é a base de sua ética, a ética da potência e da imanência. Ademais, vale sublinhar que a *Ética*, talvez a obra mais consagrada do pensador, é um clássico da filosofia moderna, considerada por seus contemporâneos uma obra escandalosa, rompe com conceitos preciosos da tradição filosófica, como o conceito de Deus⁵³, por exemplo, equiparando-o a natureza⁵⁴, uma filosofia completamente original e que inevitavelmente reverbera seus efeitos até os dias atuais. Segundo Calvino (2009, p. 11), “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Ou seja, trata-se de um livro cujas reflexões são muito valiosas e pertinentes a serem aplicadas em pleno século XXI. Por isso, trataremos da ética neste trabalho com enfoque pedagógico (no âmbito da educação), embora ecoe um enorme valor no campo epistemológico, ontológico e político, que no final, estão sistematicamente interligados.

Espinosa se preocupou em escrever uma *Ética* demonstrada à maneira dos geômetras (*ordine geometrico demonstrata*), com uma forma de escrita um tanto peculiar, composta por definições, axiomas, proposições, demonstrações, escólios, corolários, etc. O pensador racionalista o fez inspirado pelo modelo matemático euclidiano. Dividida em cinco partes, cuja primeira parte tem como título: Deus; a segunda parte: A natureza e origem da mente; a terceira parte: A origem e a natureza dos afetos; a quarta parte: A servidão humana ou a força dos afetos; e a quinta parte: A potência do intelecto ou a liberdade Humana. A ontologia fortemente presente nas duas

⁵³ “Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas”. (Spinoza, 2019, p.29).

⁵⁴ “Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”. (Spinoza, 2019, p.13).

primeiras partes, servem de substrato para o pensador conceber a sua teoria dos afetos, complexos afetivos que serão o pano de fundo das lições ético-afetivo educacionais e, portanto, nos ajudarão a refletir sobre uma educação mais potente. Porém, é, sobretudo, na terceira e quarta partes da *Ética* que vislumbramos uma certa exposição pedagógica, assim como entende Ravà. “Trata-se portanto nessas duas partes de uma espécie de grandiosa pedagogia social em bases psicológicas”. (Ravà, 2013, p.265). Não podemos olvidar que a ética-da-potência ganha “vida” na terceira parte da obra com o surgimento do *conatus*. Este *conatus*, ou seja, esforço incessante em perseverar no ser, dará cor a pedagogia dos afetos, ponto crucial para o desenvolvimento deste trabalho.

A ética da potência

Ao tratarmos da ética espinosana, devemos de início fazer uma ressalva, pois, à revelia do senso comum, para Espinosa, moral e ética são elementos incompatíveis. Para ele, a moral está atrelada à transcendência, superstições, religiosidades, ou seja, elementos que o pensador combate em suas obras, especialmente no *Tratado Teológico Político*. Desta forma, Espinosa afasta o pensamento da tradição que era baseado nas credences de uma transcendência teológico-religiosa que se serve da ética como sinônimo de moral e a coloca sob a tutela do pecado, onde os homens ficam presos a imaginação do bem e do mal, e afastados de conhecerem sua verdadeira natureza (não podemos perder de vista que o pensador estava inserido em uma realidade do século XVII, onde religião e política mantinham estreita relação). A ruptura fica mais concreta com a *Ética*, obra na qual Espinosa não prescreve um dever-ser (modelo normativo atrelado às

questões morais), ao revés, ele nos apresenta, ou melhor, expõe a naturalidade dos comportamentos humanos, que são, em suma, o reflexo de suas modificações e afetos experienciados no mundo natural. O agir ético espinosano nada tem a ver com os deveres normativos, porque, em regra, para Espinosa, quem age por dever, não é livre, mas apenas servo. “Eis, pois, o que é a Ética, isto é, uma tipologia dos modos de existências imanentes, substitui a Moral, a qual relaciona sempre a existência a valores transcendentés”. (Deleuze, 2002, p. 29). Logo, o conceito de liberdade está diretamente relacionado com as nossas ações e com o conhecimento da nossa natureza (e de Deus). Agir para Espinosa é sinônimo de liberdade, agimos quando somos livres. A liberdade em Espinosa é diferente daquela liberdade entendida pelo senso comum. A liberdade espinosana implica no conhecimento de Deus. Não há em Espinosa liberdade de escolha, agimos por necessidade. O homem é parte da imanência da natureza, seu efeito, por assim dizer, e sendo parte dessa natureza, ele também participa ativamente das modificações do mundo.

Tudo é uma questão de potência. O *conatus* surge como um divisor de águas na *Ética*. Espinosa faz uma construção sofisticada do termo, aqui resumido mui superficialmente: o *conatus*⁵⁵ é a nossa força motriz, força interna que nos leva a perseverar no ser, é dinâmico, acontece em ato, por isso, não há tempo determinado. Portanto, o *conatus*⁵⁶ está ligado a nossa potência de agir e existir.

⁵⁵Segundo Spinoza (2019, p.105), *conatus*: “cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser”. O *conatus* é “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual” (Spinoza, 2019, p.105). “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser não envolve nenhum tempo finito, mas um tempo indefinido.” (Spinoza, 2019, p. 105).

⁵⁶ “O *conatus*, que define a essência singular de cada ser humano, é uma potência de existir ou uma causa que produz efeitos bem como recebe os efeitos de outras causas ou de outros

Somos potências limitadas, partes da potência absoluta que é a natureza. Ademais, o nosso *conatus* visa sempre o aumento de potência, em razão disso, a qualidade dos afetos experienciados são importantes. Embora seja natural para Espinosa sentirmos o afeto de tristeza ou o afeto da alegria (bem como suas derivações, como o medo, desespero, ou ainda esperança, segurança), buscamos sempre os advindos da alegria, pois são eles os responsáveis pelo aumento de nossa potência, que implica na realização do ser. Para Espinosa, há apenas três afetos primários: alegria, tristeza e desejo⁵⁷; sendo que os outros afetos são derivações destes três. “A alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior. A tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor”. (Spinoza, 2019, p.141). Quanto mais potentes, mais livres e ativos seremos, visto que o *conatus* é a perseverança no ser, e perseverar da melhor forma possível, de maneira mais abrangente, envolvendo nossas conquistas em todas as áreas da vida. Nesse passo, de acordo com Chauí (2003, p.138):

O *conatus* é a essência atual da coisa. [...]. Que significa defini-lo como atual? Afirmar que é uma singularidade em ato e, portanto, não é uma inclinação ou uma tendência virtual ou potencial, mas uma força sempre em ação. Como essência atual, é intrinsecamente indestrutível – coisa alguma, na natureza, se autodestrói, a destruição sendo sempre efeito da ação de uma causa externa[...]

conatus. É uma unidade dinâmica de forças internas em relação com forças externas que podem auxiliá-lo, regenerá-lo, aumentar-lhe a potência ou destruí-lo.” (Chauí, 2011, p.146).
⁵⁷ “Compreendo, aqui, portanto, pelo nome de desejo todos os esforços, todos os impulsos, apetites e volições do homem, que variam de acordo com o seu variável estado e que, não raramente, são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não sabe para onde se dirigir”. (Spinoza, 2019, p. 141)

O estudo dos afetos, ou melhor, das ações e paixões, são a chave para compreender a elaboração e a leitura que Espinosa faz da vida, dos homens e do mundo. “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções” (Spinoza, 2019, p.98). Desta forma, Spinoza (2019, p. 98), argumenta que “por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão”. Seu sistema imanentista, necessitarista, acolhe de forma afetuosa o homem, seja aquele marcado pelo selo da paixão, situação na qual o seu *conatus* está enfraquecido devido às causas exteriores, e, conseqüentemente a sua potência de existir é baixa (pois tomados pelas paixões o homem não consegue refrear seus afetos, torna-se impotente); ou aquele que age (portanto, a potência de existir é aumentada, tendo em vista que está firmada no conhecimento das leis naturais e nos afetos alegres). Para arrematar, vale salientar que o afeto é a transição de potência no homem. E essa oscilação é causada pelos nossos desejos, ora desejamos os bons encontros, ora desejamos os maus encontros. Por isso, a qualidade do desejo é importante, uma vez que para Espinosa somos essencialmente desejo. “Dissemos que o desejo é uma inclinação da mente a algo que ela avalia como bom; de onde segue que, antes que nosso desejo se dirija a algo exterior, produz-se em nós uma conclusão de que isso é bom”. (Espinosa, 2020, p.121). A ética espinosana nos orienta qual o caminho para uma vida feliz, uma vez que a liberdade e a alegria são elementos indissociáveis. E na medida que o homem aumenta a sua alegria e a força do seu *conatus*, mais próximo está da natureza. A grande sagacidade da ética está em entender que a razão está voltada ao eterno, ao absolutamente potente, ao passo que as

paixões (idéias confusas) dão espaço ao efêmero, as coisas vazias que não nos agregam e não são capazes de gerar o verdadeiro aumento de potência.

Possíveis diálogos com a educação

Como bom filósofo racionalista, Espinosa aduz que os homens, por meio da razão, podem alcançar o conhecimento verdadeiro, e este conhecimento verdadeiro são as leis naturais. A partir desta tese, o homem se “abre” para o mundo, entende que é/faz parte deste todo, leia-se: natureza, e que todas as coisas são ou estão nela. Apenas por meio da razão (ideia clara e distinta da nossa natureza humana e da natureza em geral), podemos nos aproximar da liberdade, do aumento de potência, da realização do ser e, por isso, conceber uma realidade de vida melhor. Como dito na seção anterior, o pensador holandês é contra tudo que lhe limita a liberdade. Ele coloca o indivíduo como aquele ser capaz de arquitetar sua vida, gerando desenvolvimento pessoal e coletivo ao mesmo tempo, por meio da sua liberdade e de sua potência.

A filosofia de Espinosa nos orienta ao autoconhecimento, entender o que se passa dentro e fora de nós, a complexidade dos nossos afetos, nossos desejos, a fim de que possamos sempre melhorar nossas inter-relações⁵⁸. Uma vez que a nossa racionalidade explica toda a imanência. Somos potentes, portanto, quando somos racionais. Segundo Spinoza (2015, p.497-9), “[...] em coisa alguma pode alguém mostrar mais sua destreza no engenho e na arte do que

⁵⁸ “O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor”. (Spinoza,2019, p.99).

em educar [*educandis*] os homens para que vivam por fim sob o império próprio da razão.” O que naturalmente ocorre após o conhecimento da causa primeira/Natureza. Conhecer pela causa não é uma inovação de Espinosa, pois desde Aristóteles já se entendia assim (Deus é o motor que move todas as coisas sem sofrer a ação do movimento). Em que pese Espinosa ter escrito o excerto acima sobre o ato de educar, não desenvolveu sobre o tema da educação propriamente dito, mas resta evidente a sua preocupação com o feito de educar, de ser útil ao próximo, de conduzir os homens à emancipação. Percebe-se um movimento pensado no coletivo e individual ao mesmo tempo, para que os homens entendam a sua condição e lugar no mundo, permitindo uma maior compreensão afetiva de suas vidas, que, em certo sentido, trará serenidade ante as adversidades do meio.

Para o educador Paulo Freire (1996, p. 16):

Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde, mas perseverantemente nos dedicar.

Ousa-se dizer que Freire lembra o modelo espinosano em muitos sentidos, pois ele aduz que a formação científica e a correção ética do professor devem andar lado a lado. Além de ser uma pedagogia acolhedora, assim como a filosofia de Espinosa também o é. Abarcando todas as pessoas com a sua subjetividade, suas particularidades. Para Espinosa, inclusão e racionalidade são conceitos arraigados (bem delineados no *Tratado Político*). Além do

mais, Freire nos ensina tal como Espinosa, a pensar no coletivo, no bem estar do próximo, em ser útil⁵⁹, a não fazer julgamentos baseados em impressões, e a perseverar na melhor relação com o outro, na relação educador-educando, por exemplo, tornando este encontro, um encontro alegre, havendo realmente troca de saberes, capaz de gerar o aumento de potência para as partes envolvidas. Se aproximar do outro, entender o outro, aprender com o outro, faz com que nos aproximemos de nós mesmos, entendendo nosso papel no âmbito social e dando sentido à vida. Observando essas reflexões, o agir ético espinosano está bem conectado por seus fios de aço com a filosofia da educação e, quanto mais o educando/educador tiver o conhecimento de si, maior será também o conhecimento do meio no qual ele se encontra, sendo inevitável o aguçamento de suas potencialidades. Consequentemente, a sociedade ganha bons cidadãos.

Como mencionado anteriormente, somos seres dotados de potência, desdobramentos da potência infinita e eterna da natureza. Na escola, na universidade, no ambiente escolar em geral, nos expressamos pelo nosso desejo, nosso *conatus*, refletimos esse esforço pelo conhecimento, pela afirmação do nosso ser, logo, todo esse processo cognitivo se traduz em um aprendizado afetivo que busca a liberdade de pensar e de dizer o que se pensa, o autoconhecimento, relações de amizade⁶⁰, crescimento pessoal, social, e os demais

⁵⁹ [...] os homens não podem aspirar nada que seja mais vantajoso para conservar o seu ser do que estarem, todos, em concordância em tudo, de maneira que as mentes e os corpos de todos componham como que uma só mente e um só corpo, e que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem, juntos, o que é de utilidade comum para todos. (Spinoza, 2019, p.169)

⁶⁰ “Somente os homens livres são utilíssimos uns aos outros e se unem pela máxima ligação de amizade [...], e por igual empenho de amor esforçam-se para fazer o bem uns aos outros [...]; e assim [...], somente os homens livres são muitíssimo gratos uns para com os outros”. (Espinosa, 2021, p. 487).

objetivos almeçados pela educação. Somos esse esforço *conativo*, ou seja, buscamos a felicidade, o desenvolvimento, entretanto, vale dizer que por meio desse esforço que exprimimos a nossa singularidade, nosso grau de potência, logo, há diferentes graus/níveis de potência, por esse motivo, há tantos conflitos entre os homens. Por mais paradoxal que pareça, é pelo *conatus*(desejo) que nos afastamos ou nos unimos uns aos outros. Voltando a educação, o aprender e o ensinar residem justamente no movimento ético-afetivo de compartilhar experiências inspiradoras que acarrete em afetos comuns alegres, se servindo da razão quando passamos a ter ideias claras e distintas sobre as coisas, mas sem perder de vista a naturalidade das paixões que muitas vezes nos arrastam para direções contrárias, mas que fazem parte do próprio ser. O desejo, um dos afetos primários, ganha envergadura, pois é ele que exprime a nossa atividade ou passividade. A chave espinosana está na transformação do desejo passivo num desejo ativo. Destarte, bem como Espinosa entende que a multidão pode pleitear ser causa comum de um mesmo efeito, especialmente com relação à política (como ele bem desenvolve o assunto no *Tratado Político*, quando elege a democracia como o mais natural dos regimes, e aduz que todos querem ser conduzidos como que por uma só mente, o soberano) podemos pensar em um esforço *conativo* educacional, onde todos, educador/educando, desejem e perseverem por uma educação livre, alegre, potente e democrática.

Lições pedagógicas espinosanas

Se observarmos detidamente, são muitas as contribuições pedagógicas de Espinosa deixadas em suas obras, por exemplo, a pedagogia dos afetos e a educação dos homens ao desejo de

conhecimento verdadeiro. A *Ética* num todo nos ensina uma auto-educação intelectual⁶¹, além de promover ao indivíduo, seja ele educador-educando uma vida ética, expondo, em certo sentido, a forma pela qual afetamos todo o ambiente à nossa volta, por isso, podemos até mesmo atribuir a Espinosa uma pedagogia social. Como mencionado, o desejo, afeto presente tanto no nosso estado racional, quanto no nosso imaginativo (tomado pelas paixões) reflete quem somos a partir de nossa experiência afetiva. Na *Ética*, o pensamento social fica bem mais explícito na quarta e quinta partes da obra, onde Espinosa nos apresenta os fundamentos da vida social, com enorme valor pedagógico quando pensados à luz da teoria dos afetos, onde aprendemos o sentido da utilidade, mas da verdadeira utilidade, de nos ajudarmos uns aos outros. Inclusive, o princípio da utilidade é basilar em sua ética. O entrave acontece justamente por conta das paixões, seja na esfera social, seja na educacional. Nos desprendemos da passividade para alcançar a liberdade, portanto, uma educação ético-afetiva nos afasta da condição oscilante e temerária de apenas existir⁶², pois o que se almeja é uma existência plena.

A educação nos proporciona o conhecimento, única via de acesso a realização do nosso ser, passagem do casual a atividade que nos faz progredir. Nos afastar das moralidades educacionais impostas

⁶¹“Uma educação que consiste na ativação do desejo por meio do uso das potências próprias de pensar e agir é, portanto, um processo que se fundamenta na razão, mas que não se reduz à ela. A transformação da razão em um impulso desejante é o que confere a um educar ativo sua força máxima, sua expressão como desejo supremo e modo de vida virtuoso. O desejo de conhecer pelo pensamento próprio o que segue da necessidade da Natureza constitui, assim, uma forma de vida que é também, essencialmente, um projeto educativo: autoeducativo e co-educativo.” (Merçon, 2013, p. 21).

⁶² “Em Espinosa, o sábio é aquele que alcançou o gozo de uma certa forma de afetividade, enquanto o vulgo é aquele que vive oscilando de uma verdade transcendente a outra, admirando apenas aquilo que ainda não o enganou, coisa que as religiões, os políticos e os marqueteiros sabem muito bem como aproveitar”. (Givigi, 2023, p. 56).

que, por muitas vezes, nos impedem de um pensar próprio, característico de um aprendizado afetivo acaba sendo o nosso maior combate nas instituições de ensino. “Crianças e jovens são capazes de pensar sua própria vida, compondo-se com aquilo que lhe convém. Também são capazes de pensar sua própria captura, se esforçando por repelir toda a tristeza”. (Givigi, 2023, p. 54). Como dito, no limite, a educação engloba o esforço coletivo do bem pensar e do bem comum⁶³. O sistema espinosano é muito atual para as discussões educador-educando, especialmente no tocante a um educar potente. A liberdade de ensino e a liberdade nas relações educacionais (educador-educando), promovem, para o pensador, o real desenvolvimento da sociedade, que sofre muitas vezes ante os métodos pedagógicos atuais impotentes. Neste passo, Givigi (2023, p. 61) aduz:

A autonomia do educador não poderia estar, assim, submetida aos valores universalizantes do Estado, que são, por definição, valores estranhos ao exercício singular do agir e do pensar em comum. Assim, ao recuar diante dos limites incertos propostos pela função de educador de Estado, e já tendo considerado sua tendência à coartação dos ânimos, Espinosa foi capaz de denunciar muito precocemente o quanto tais instituições poderiam ser nocivas às inteligências, antecipando assim a ampla crítica direcionadas a estas no contemporâneo, sobretudo a partir do século XX.

⁶³ “A educação afetiva spinozana é a expressão do conatus de um ou mais indivíduos, ou seja, a potência da multidão que tem um esforço maior para a produção de afetos alegres, garantindo sua existência e seu conhecimento não só voltado para a razão, mas também para o social.” (Gomes, 2017, p. 478).

A educação espinosana é voltada para a formação humana e proteção dos direitos, uma vez que direito e potência se equivalem em Espinosa. Ademais, ele nos apresenta um modelo de educação libertária e democrática.

Afirmar que o espinosismo é uma forma de educação libertária não é um despropósito. Do princípio do século XX ao princípio do século XXI não faltaram comentadores dispostos a demonstrar como, embora não haja uma filosofia da educação sistematizada no pensamento espinosano, o espinosismo é, na condição mesma de filosofia, uma forma de educação para a liberdade. (Bonadia, 2019, p. 2).

Cumprir dizer que o modelo educacional espinosano é aquele que atende e equilibra a pluralidade de opiniões e desejos, a partir do conhecimento da natureza, do nosso ser, da nossa essência, pelo uso da razão. Somos potentes quando somos racionais⁶⁴. Podemos então pensar em uma educação ativa, ética, totalmente desvinculada de uma educação tradicional atrelada a uma moral que espelha um caráter punitivo, recompensativo, restritivo, comparativo e que realiza, na maioria das vezes, um juízo de valor, podendo até mesmo nutrir os afetos tristes nos educandos, causando, conseqüentemente, a diminuição de suas potências, por conta dos maus encontros proporcionados pela - e na - instituição de ensino, e da forma negativa com que são afetados. Obviamente, neste cenário, os

⁶⁴ “Na medida em que a razão chega a entender todas as coisas como necessárias, acalmam-se aqueles sentimentos que são contrários à vida em comum: *Confert haec doctrina ad vitam socialem, quatenus docet, neminem odio habere, contemnere, irridere, nemini irasci, invidere. Praeterea quatenus docet, ut unusquisque suis sit contentus...* (“Essa doutrina é útil para a vida social, à medida que ensina a ninguém odiar, desprezar, ridicularizar, invejar, nem com ninguém irritar-se. É útil, ainda, à medida que ensina cada um a se contentar com o que tem...”)” (Ravà, 2013, p. 264).

educandos sentem-se coagidos e, portanto, não conseguem pensar e agir livremente, muito menos tocar no horizonte da liberdade. Neste cenário, o esforço *conativo* do educando encontra-se enfraquecido, logo, sua capacidade de desenvolvimento cognitivo, criação, aprendizagem ficam limitados, ou até mesmo reduzidos, não bastasse todo o sofrimento, o convívio com os demais acaba sendo marcado por desavenças, uma vez que o indivíduo oprimido, triste, impotente dificilmente consegue compartilhar bons afetos, leia-se: alegria, com os demais.

A instituição de ensino, em tese, é aquela que deveria proporcionar segurança, alegria, acolhimento aos educandos e também aos educadores. E estes, deveriam estimular, proporcionar os bons encontros, encorajando os educandos com afetos alegres, esperançosos, erradicando todo o medo do ambiente escolar. Compartilhar conhecimentos, boas experiências, boas vivências, entre educador-educando dão sentido à vida, aumentam exponencialmente a potência do ser, e esse desejar/”querer” intrínseco é o que deveria, por via de regra, ser o desejar de todos na instituição de ensino. Ademais, vale dizer que, segundo Merçon (2009, p. 156):

Na educação, o mito da finalidade opera em complementaridade com as noções de falta e método, constituindo, com estas e outras construções socioimaginativas, um complexo sistema moral. Apoiando-se na divisão que instaura entre sabedoras e ignorantes, a educação apresenta-se como detentora privilegiada de um suposto saber capaz de proporcionar o útil. A educação estabeleceria então os meios pelos quais esse saber seria alcançado, transformando-o em uma meta ou fim ao qual todas devem se direcionar. É importante esclarecer que, embora estejamos nos referindo à aquisição de um conjunto de conhecimentos com o fim explícito ao qual o processo educativo

tende, os julgamentos que derivam desse fim não se limitam a predicar o falso e o verdadeiro, mas envolvem variadas esferas do agir das educandas. As categorias epistêmicas são inseridas em um sofisticado regime moral, em que o certo e o errado são efeitos de comparações que possuem como norma não apenas um ideal de saber, mas, indissociavelmente, um padrão de poder.

Deste excerto, é salutar dizer que dentro deste complexo sistema moral educacional ora combatido pelos argumentos espinosanos, há um jogo de poder. Não é o nosso intento se aprofundar no tema, porém nos cumpre dizer que pelo desconhecimento das leis naturais e por termos ideias inadequadas, ou seja, confusas sobre a nossa essência (afetos/potência) e existência, buscamos aquilo que realmente nos afasta do aumento de nossas potências. O poder pode ser entendido neste contexto como uma ilusão fabricada pela imaginação, pelas paixões. A aquisição de um arranjo de saberes não traduz um ser humano potente, obviamente que o ajuda a se desenvolver na vida, conquistar alguns objetivos, entretanto, esses elementos não são suficientes para compreendermos o conhecimento da nossa verdadeira natureza e alcançarmos a liberdade. Há uma ilusão de força na extrema fraqueza, justamente porque equivocadamente pensamos ser melhores do que os demais, sendo que na verdade, todos somos esse esforço *conativo* em perseverar no ser, variando apenas em graus de potência. Pelo sistema necessitarista proposto por Espinosa, somos uma eterna relação de causa e efeito, não há finalismo⁶⁵. Destarte, a narrativa de um ensino

⁶⁵ “Em todas as suas obras, Espinosa demonstra que a noção de causa final ou de finalidade é uma construção imaginária na qual recorreremos à noção de um fim para suprir nossa ignorância quanto à causa real e verdadeira de uma coisa, um acontecimento ou uma relação. Não existem causas finais; só existem causas eficientes. Uma vez que somos expressões finitas

educacional baseado em julgamentos e autoritarismo é fruto apenas de vivências desorientadas, cuja adoção de modelos inadequados universalizados não ajudam os educandos a se expressarem. Como dissemos, a natureza humana está inclinada ao engano, justamente por desconhecemos as leis da natureza e termos muitas ideias confusas, logo, este estado de ignorância pode gerar uma série de eventos danosos, como é o caso do *bullying*, algo tão incabível e reprovável na conjuntura atual, mas que ocorre com frequência nas instituições de ensino, pelo desconhecimento dos afetos e também pelo conhecimento tão limitado do mundo. O medo do outro, seja educador-educando, ou apenas entre os educandos, tornou-se rotineiro e, em certo sentido, nos acostumamos a tal situação. Isso apenas revela a impotência das ações pedagógicas tradicionais. Intimidação, violência, opressão, desigualdades no ambiente escolar apenas geram discórdia e impotência, e esta impotência se dá de forma generalizada. Não apenas o *conatus* dos envolvidos, mas o próprio *conatus* educacional tornam-se fracos, frágeis. A instituição de ensino, assim como educador-educando devem resistir, segundo Espinosa, as paixões tristes, que nos impedem de nos abirmos ao e para o mundo, o nosso *conatus* deseja a liberdade, entendida aqui também como sinônimo de felicidade, emancipação intelectual, aprendizagem, pensamento de amizade voltado ao coletivo.

O estudo dos afetos, nos torna mais “humanos” e nos orienta a viver com “dignidade”, assim entre aspas, pois Espinosa não utiliza esses termos. Quando entendemos as lições ético-afetivas deixadas por Espinosa, entendemos quem somos e o nosso papel no mundo, logo, não há que se falar em crise de identidade, pois o autoconhecimento

da causalidade imanente da substância absolutamente infinita, somos, como ela, causas eficientes – o *conatus* como potência de agir”. (Chauí, 2011, p. 62).

provém da astúcia da razão. O aprendizado afetivo nos possibilita solucionar problemas educacionais, sociais, e a “conduzir” de maneira mais assertiva a relação educador-educando. Para Espinosa, nenhum indivíduo pode perder a sua singularidade/subjetividade no âmbito educacional, ao revés, é por ela que podemos emergir (e pelo ensino ético-afetivo espinosano) a todas as submissões promovidas por uma educação atrelada a moral autoritária, cuja gênese se dá, pelo desconhecimento da própria essência humana.

Considerações Finais

O estudo da teoria dos afetos em Espinosa nos oferece um modelo de ensino ético capaz de transformar o ambiente educacional. Modelo este que arquiteta formas de diminuir a alta tensão potencial entre educador-educando. A educação moral vinculada aos poderes públicos morais e tradicionais, retiram a autonomia, o pensar próprio do indivíduo, que se sente coagido pelos valores generalizados impostos pelo Estado, que por muitas vezes, impõe normas educacionais que acabam limitando o nosso agir. Há um rico ensino pedagógico em Espinosa, visto que ele alinha a sua ética ao aprendizado afetivo e, com isso, nos permite pensar em um esforço, leia-se: *conatus* (individual: educador, educando; e também em um esforço coletivo, quando compreendemos a educação como o esforço *conativo*). O aprender e o ensinar fazem parte das nossas vivências, logo, buscar conexões ativas, alegres com os indivíduos e tudo que há no mundo em geral, ou seja, apenas fomentar os bons encontros, certamente elevará nossas próprias potências, tornando-nos mais livres. Estabelecer distanciamento com os encontros que nos limitem o pensar e ação não é uma utopia, mas agir eticamente, entender nossa

essência, nossos afetos, nossas necessidades. É, pois, pelo *conatus* que nos inspiramos e estimulamos uns aos outros na busca incessante por aprendizagem, pela ativação do nosso desejo de conhecimento.

Por fim, a educação através das lentes espinosana, pode ser compreendida por um esforço *conativo*, onde todos os envolvidos precisam buscar o equilíbrio e/ou aumento de suas potências, nesta filosofia da imanência, em que não há finalismo, as construções morais formadas através do nosso processo imaginativo do saber ideal propostas pelos modelos tradicionais, devem ser afastadas, bem como todo o tipo de comparação que possuem como pano de fundo um “status social” que pode gerar desigualdades, portanto, uma educação antidemocrática. Somos transformados de acordo com os afetos que experienciamos e isso acontece dinamicamente, logo, o aumento da nossa alegria (e expansão da potência) no ambiente educacional é um processo a ser alcançado através de um ensinar e aprender ético. Embora um dos desafios da educação seja formar bons cidadãos e tornar o mundo um ambiente mais harmônico para se viver, a longa jornada que envolve o processo de ensino-aprendizagem deve contemplar a busca do bom e do útil, que só conseguimos entender a partir da nossa realidade afetiva.

Referências

BONADIA, Fernando. O. O espinosismo é uma forma de educação libertária? **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.45, 2019, p.1-17.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. 1. reimp. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Política em Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia Prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOSA, Baruch de. **Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ESPINOSA, Benedictus de. **Ética**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

GIVIGI, Luiz Renato Paquiela. **Espinosa Educador: pistas para uma pedagogia política da multidão**. Fortaleza: EdUECE, ano 2023.

GOMES, Carlos Wagner Benevides. **O ensino ético dos afetos em Benedictus de Spinoza**. Revista Ideação, n. 35, jan/jun.2017, p. 449/480.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

MERÇON, J. **Aprendizado ético-afetivo: uma leitura spinozana da educação**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2009.

MERÇON, J. O desejo como essência da educação. **Filosofia e Educação**. Uberlândia, v.5, n.1, abril, 2013, p.25-51.

RABENORT, William Louis. **Spinoza como Educador**. Tradução do Coletivo GT Benedictus de Spinoza. Fortaleza: EdUECE, 2018. (Col. Argentum Nostrum).

RAVÀ, A. **A Pedagogia de Espinosa**. Tradução de Fernando Bonadia de Oliveira, Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Homero Santiago e Kácia Natália de Barros. Filosofia e Educação. Campinas, v.5, n.1, abril, 2013.

SPINOZA, B. **Ética**. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução: Grupo de Estudos Espinosanos. Coordenação: Marilena Chauí. São Paulo: Edusp, 2015.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.